

ENTREVISTA COM LOURENÇO DE CASTRO

Pintura e Utopia

José Sousa Machado – os 23 guaches sobre papel que compõem esta exposição, todos eles de pequenos formato, percorrem os últimos oito anos da sua actividade artística. Presumo que nestes oito anos terá realizado dezenas, senão centenas, de trabalhos equivalentes, paralelamente à pintura em tela, de formatos maiores, que também foi realizando. Como enquadra estas obras no contexto mais geral da sua produção artística?

Lourenço de Castro – Eu não faço estudos prévios para as telas que vou pintar e, conseqüentemente, estes guaches são trabalhos autónomos que realizo em simultâneo com a pintura sobre tela que também vou fazendo. São, à sua maneira, o método que utilizo para organizar as ideias; a forma que adoptei para pensar nas inquietações que vou sentindo em cada momento, conferindo-lhes legibilidade.

JSM – E que inquietações são essas?

LC – Como se constituí uma imagem?... e, no meu caso particular, como se relaciona a sua natureza intrinsecamente performativa com o instante em que ela é criada e com um juízo cultural que mede e pondera; também a questão dos limites do suporte me ocupa, não como janela aberta para o mundo, mas como janela aberta sobre si mesma, sobre a sua própria substância, enquanto fonteira finita que delimita as possibilidades criativas infinitas que temos ao nosso dispor, particularizando cada imagem e conferindo-lhe uma identidade irrepitível. Por outro lado, coexistem, também, nestes trabalhos duas realidades antitéticas que é necessário esclarecer e harmonizar, que consistem em eu utilizar signos visuais universalmente identificáveis que, de certa maneira, pré-existem à minha intervenção como pintor, signos visuais que transportam uma carga cultural longa e densa, e o corpo autoral, a minha marca pessoal. A marca pictórica paradoxal, signo do sujeito e produto cultural.

JSM – Nos 23 guaches expostos notamos sempre a ocupação integral do suporte, como se tivesse horror ao vazio...

LC – Podemos considerar existir um paralelismo funcional entre estes trabalhos e os contentores, perfeitamente definidos na sua volumetria. Os signos existem porque existe um limite que os define e estabelece um campo de forças delimitado, onde decorre um jogo. Assim, a imagem organiza e dá sentido ao olhar.

JSM – Os formatos das obras expostas são sempre verticais. Foi uma decisão deliberada, remetendo para o conceito tradicional de monumento?

LC – Isso é curioso. Eu pinto quase sempre em formatos verticais. Na tradição da pintura ocidental está ligado ao retrato, a uma relação de figura/fundo... talvez tenha a ver com isso. Nunca aprofundei a razão porque o faço mas, por exemplo, também

aprecio imenso os ciprestes, longilíneos e acentuadamente verticais, são árvores muito enigmáticas, com um simbolismo muito forte, associado à ideia de morte e de passagem, de ligação entre dois mundos.

JSM – Que princípios o nortearam nesta selecção de trabalhos, de entre as centenas que terá pintado durante os últimos oito anos?

LC – Todos estes guaches estão co-relacionados, são autónomos, mas apresentam características que os relacionam entre si. Agrada-me a dualidade que definem entre movimento e unidade, contraste e transformação, instaurando uma constelação, um sistema em rede de possibilidades infinitas, conciliando os opostos, como o plano e o volume. A pintura concretiza uma utopia.

JSM - O que tem a dizer da exuberância cromática destes guaches?

LC – Inicio sempre uma pintura com muito poucas cores, confrontando-as por contacto. Começa então um processo de transformação, no qual os materiais se vão contaminando entre si, “sujando” e impregnando-se uns pelos outros, até depois se encontrar alguma arrumação e harmonia. É como ir do ideal para o caos e voltar.